

DOMINAÇÃO E REBELIÃO – ASCENSÃO E QUEDA DO MITO DAS CLASSES MÉDIAS ESTADUNIDENSES E O PUNK COMO MOVIMENTO DE RESGATE DO EROS

DOMINATION AND REBELLION - RISE AND FALL OF THE MYTH OF THE AMERICAN MIDDLE CLASSES AND PUNK AS A MOVEMENT TO RESCUE EROS

Hellen Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

hellenoliveiracp@gmail.com

Resumo. O presente trabalho é uma elaboração sociológica, historicamente orientada, sobre o processo de decadência do mito da “classe média” estadunidense e seus entrecruzamentos com a emergência do movimento punk. Parto da premissa de que a música é capaz de informar sobre fatores políticos, econômicos e sociais e se relacionar com fenômenos da materialidade. Discorro sobre como um determinado sentimento coletivo oriundo das relações de classe potencializou e foi potencializado pelas demandas e inquietudes presentes na sonoridade, prática e discurso punk a partir dos anos 1970, com a influência dos acontecimentos históricos das décadas anteriores. Para tal, realizo uma revisão bibliográfica dos trabalhos que se debruçam sobre a questão das classes médias e seu comportamento nos anos anteriores à emergência do movimento musical em questão, bem como das obras que versam a respeito da música como vetor de contestação e mudança social. Observo como a sensação de estagnação e encerramento de ciclo econômico está no cerne da conformação de uma determinada forma musical. Por fim, atesto como o movimento punk é inspirado pelos sentimentos sociais, ao mesmo tempo que possibilita uma interferência sobre eles, capaz de resgatar uma espécie de atividade classificada na literatura marcúsiana como eros.

Palavras-chave. Classes Médias; Punk; Estados Unidos; Música; Teoria Social

Abstract. The present work is a sociological elaboration, historically oriented, about the decadence process of the myth of the "middle class" in the United States of America and its intersections with the emergence of the punk movement in the corresponding locality. I start from the premise that music is able to inform about political, economic and social factors and to relate to materiality phenomena. I talk about how a certain collective feeling arising from class relations has strengthened, and was strengthened, by the demands and concerns present in sonority, practice and punk discourse since the 1970s, with the influence of historical events in previous decades. To this end, I carry out a bibliographic review of the works that deal with the question of the middle classes and their behavior in the years prior to the emergence of the musical movement in question, as well as of the works that deal with music as a vector of contestation and social change. I observe how the sensation of stagnation and closure of the economic cycle is at the heart of the conformation of a particular musical form. Finally, I attest to how the punk movement is inspired by social feelings, at the same time that it makes possible an interference on them, capable of rescuing a kind of activity classified in the marcusian literature as eros.

Keywords. Medium Classes; Punk; United States; Music; Social Theory.

INTRODUÇÃO

A noção de divisão social do trabalho – e, por conseguinte, a de estratificação de classes – se desenvolveu na modernidade no contexto de instauração do regime de produção capitalista. Esta noção foi instituída a partir de uma dicotomia analítica central: a correlação de forças entre os setores que detêm os meios de produção e aqueles que não os detêm. A emergência desta noção se dá precisamente na literatura marxiana em um conjunto de obras canônicas – tais como *a Ideologia Alemã* (MARX, ENGELS, 1976) e *O Capital* (MARX, 2013), em seu primeiro volume. Contudo, conforme apontam pesquisadores ao analisar o contexto de escrita de Marx, “nem mesmo no caso da [...] sociedade capitalista mais desenvolvida da época, a divisão de classes aparecia em sua forma pura” (MONTEIRO DE OLIVEIRA, QUINTANEIRO, 2017, p. 40).

Conforme as relações de produção ganham complexidade, um terceiro grupo começa a ser percebido nas Ciências Sociais. Um agrupamento de indivíduos empregados formalmente, não detentor dos meios de produção, mas que tampouco se assemelhava à figura do proletariado tratada nos trabalhos anteriores. A este foi atribuído de forma majoritária a nomenclatura de “classe média”. Por sua natureza média, as configurações desta classe social são mutáveis conforme seu espaço-tempo.

Definir, então, como este grupo se comporta e as implicações sociais e políticas de suas ações se coloca como um desafio. É possível, no entanto, traçar um paralelo entre literaturas que avaliam as condições e as características desta classe média e o argumento que define a natureza do trabalho para Marx (2013). Se o trabalho, enquanto mercadoria, configura a produção, e se esta é “a atividade vital do trabalhador, a manifestação de sua própria vida”, é possível analisar as ações e reações das classes médias conforme seus horizontes ocupacionais.

É pertinente dizer que tais posicionamentos sociais e políticos são múltiplos, bem como suas consequências no curso da história. Para efeitos deste trabalho, proponho um recorte a partir da juventude das décadas de 1960 e 1970. Os movimentos de juventude, suas configurações e transformações são observados nas Ciências Sociais sob diferentes óticas. Podem ser retratados a partir da literatura sobre movimentos sociais, identidades coletivas, divisões ocupacionais e outras. O possível ponto em comum entre as diferentes análises é que tais fenômenos são capazes de narrar ou diagnosticar a natureza da sociedade, seja em seu caráter político, econômico ou estético. Ao observar estas articulações anunciadas acima, as

análises possibilitam entrecruzar diagnósticos de diferentes aspectos do espaço-tempo social, e é justamente neste que reside a análise do presente artigo.

Mais precisamente, darei atenção à conformação da noção de classe média, iluminada por Mills (1951), ao pensar as transformações estruturais nesta determinada classe nos Estados Unidos. Considero o trabalho deste autor como capaz de diagnosticar a natureza econômica e trabalhista e, principalmente, os horizontes ocupacionais da juventude estadunidense dos anos 1960 e 1970. O autor trata, dentre outros pontos, da insegurança e da instabilidade que se tornam frequentes no espectro das classes médias a partir dos aspectos de suas ocupações. Neste mote, trato da reação daqueles que estão prestes a adentrar o mundo do trabalho, a partir de um movimento musical determinado, constituído por jovens da época: o movimento punk. A partir da literatura de Marcuse (1955; 1964) e da noção de rebelião, busco traçar sociologicamente uma cronologia possível de emergência desta musicalidade e sua coletividade enquanto resgate da espontaneidade e de questões e mudanças sociais correlacionadas.

A promessa e a dissolução do mito das classes médias

Na obra *White Collar – The American Middle Classes*, Wright Mills (1951) trata de duas configurações das classes médias nos Estados Unidos, traçando sua cronologia e características ocupacionais. Segundo o autor, a emergência destas classes está diretamente ligada à história do pequeno empreendedor e sua trajetória diante do estabelecimento do modo de produção capitalista.

Na época do século XVI, as propriedades foram distribuídas de maneira difusa por boa parte do território, divididas informalmente entre pequenas e grandes propriedades. Por conta desta organização, não havia uma divisão dicotômica estanque entre proprietários de terra – e por consequência, de formas de capital – e não proprietários. A correlação de forças se deu pela disputa entre as formas de produzir e distribuir da época, entre a agricultura de subsistência e o monopólio financeiro.

Neste processo, a “*realização histórica do grande empreendedor foi dificultada e adiada por longas décadas até o século XIX*” (MILLS, 1951, p. 5). Em contrapartida, as expectativas de manutenção da produção e da subsistência do pequeno produtor foram dissolvidas. Tratou-se de um duplo movimento: ao mesmo tempo em que não havia uma estrutura de classes fixada, estes dois extremos supracitados – na forma de produzir – apareciam em disputa contínua. Tal cenário favoreceu o crescimento de um outro estrato social, que

detinha parte dos meios de produção e se identificava com a proposta capitalista de circulação de mercadorias e principalmente de serviços, ao mesmo tempo em que não priorizava a estrutura de monopólio, o que permitia tirar proveito do tempo presente. Assim, “*a sociedade do pequeno empreendedor floresceu e se tornou o canteiro do ideal da classe média, da aspiração e do mito*” (MILLS, 1951, p. 6).

Conforme ocorriam as mudanças históricas e a entrada e permanência do sistema capitalista como modo de produção, uma noção fundamental para o funcionamento da sociedade como se conhecia sofreu mudanças. A propriedade privada, enquanto ideia e materialidade, tomou complexidade, assim como os horizontes ocupacionais dos indivíduos de diferentes classes sociais. Conforme argumenta Mills (1951), atividades de delegação e gerenciamento entraram em cena, de modo que a “propriedade democrática”, na qual seu detentor também trabalha, foi substituída pela “propriedade de classes”. Nesta última, o detentor passa de trabalhador a contratante, tornando-se o superior de seus contratados na divisão social do trabalho.

O aprofundamento das correlações de força entre as classes não imunizou as classes médias. O que ocorre neste processo é a desconstrução do mito da estabilidade e da prosperidade, antes relatado. As “*mudanças [...] no tipo de propriedade transformaram a velha classe média, mudaram a maneira como seus membros vivem e [...] afastaram o homem livre e independente dos centros de propriedade do mundo econômico*” (MILLS, 1951, p. 14). Diferente de determinadas expectativas quanto ao crescimento econômico contínuo e quanto à possibilidade de acúmulo material, as classes médias sofreram com a mudança da “*base da segurança econômica da propriedade para a manutenção do emprego; o poder inerente a grandes propriedades colocou em risco o antigo equilíbrio.*” (MILLS, 1951, p. 48). Retomando a lógica da ocupação trabalhista como expressão da própria vida, as classes médias, após a dissolução de seu mito, perderam o controle não apenas das propriedades, mas do estabelecimento de seus horizontes fora da divisão social do trabalho.

Conforto e prestígio como ferramentas de controle

De acordo com dados apresentados por Mills (1951)¹, as ocupações das classes médias concentravam-se no setor de serviços, vendas e gestão – trabalhos identificados com a alcunha

¹ “Hoje, os três maiores grupos ocupacionais do estrato de colarinho branco são professores, vendedores dentro e fora das lojas e funcionários de escritório variados. [...] As ocupações de colarinho branco agora envolvem bem

de “colarinho-branco”. Ainda, sua distribuição se configurava como uma nova pirâmide sobreposta à antiga estrutura de classes (MILLS, 1951), na qual a base e o topo seguem distantes, mas o entremédio se achata mais próximo à base sem deixar de buscar o toque ao topo.

[...] os grupos de colarinho branco são diferenciados socialmente, talvez de forma mais decisiva do que os assalariados e os empresários. [...] a nova classe média, em termos de renda e prestígio, é uma pirâmide sobreposta, alcançando desde quase o fundo da primeira até quase o topo da segunda. As pessoas em ocupações de colarinho branco reivindicam maior prestígio que os trabalhadores assalariados [...]. (MILLS, 1951, p. 73).

Essa noção de privilégio é um dos resquícios do mito das classes médias que evitam, de certa forma, o processo de proletarização. O privilégio as afasta dos proletários assalariados, porém não as aproxima dos 1 ou 2% que controlam as propriedades. O incentivo à continuidade de tal noção faz parte do que Marcuse (1964) chamaria de mecanismos de controle, sabendo que *“uma confortável, suave, racional, democrática falta de liberdade prevalece em uma sociedade industrial avançada”* (MARCUSE, 1964, p. 3), assim como garante a manutenção de sua estrutura de classes.

Este momento histórico representa uma ruptura entre a materialidade e a virtualidade – enquanto mito, ideia – em torno das classes médias. Os efeitos diretos dos “pequenos confortos” ao redor deste grupo social associam o prestígio ao que Marx e Engels (1976) entenderiam como dissimulação e, em Mills (1951): *“embora existam indicações definidas nos Estados Unidos de um declínio em seu prestígio, [...] a maioria dos funcionários de colarinho branco [...] gozam de um prestígio mediano”* (p. 73).

Entretanto, a dissimulação da conjuntura do agrupamento não era suficiente para sufocar a sua decadência visível, expressa na proletarização. Os medos e descontroles vivenciados pelos trabalhadores assalariados não estariam tão distantes das classes médias se não fossem os pequenos privilégios, cada vez menores, se pensarmos nas concessões coletivas com que arcaram, conforme aponta Marcuse (1964):

Na medida em que a liberdade da falta [...] as liberdades pertencentes a um estado de menor produtividade estão perdendo seu conteúdo anterior. Independência de pensamento, autonomia e direito à oposição política estão sendo privados de sua função crítica básica em uma sociedade que parece cada vez mais capaz de satisfazer as

mais da metade dos membros da classe média americana como um todo”. (Mills, 1951, p. 64). Vide também quadro comparativo da página 65.

necessidades dos indivíduos através do modo como está organizado. Essa sociedade pode exigir justamente a aceitação de seus princípios e instituições e reduzir a oposição à discussão [...] (MARCUSE, 1964, p. 4).

A supressão dos direitos de forma suave e “democrática” faz parte das “*leis naturais de produção*” (MARX, 2013). A busca incessante pela manutenção de privilégios em um cenário de sua retirada constante cria uma filiação ao que parece “seguro”. Esta sensação de segurança dissimulada garante que se realizem tais leis produtivas. O processo ocorre por meio da própria realização individualista dos constituintes das classes médias. Ou seja, por meio da “*dependência em que ele mesmo se encontra em relação ao capital, dependência que tem origem nas próprias condições de produção e que por elas é garantida e perpetuada*” (MARX, 2013, p. 787).

A dissimulação se sustenta pela presença de pequenos privilégios, baseados fundamentalmente no sentimento de segurança, e neste ponto é onde encontramos a dialética fundamental da repressão. É isto o que inspira Marcuse (1955) em *Eros e Civilização*, outra obra fundamental para o desenvolvimento de sua teoria. Neste livro, observa o estrangulamento de tal sensação, avaliando as possibilidades de insurgência. Começa, então, por destacar características do sistema de controle que regulam as liberdades e a vida unidimensional, as mesmas que carregam “*o germe de sua própria destruição*” (MARX; ENGELS, 1998, p. XX).

Marcuse (1955) retoma a teoria freudiana para explicar o processo de formação institucional que sustenta tais privilégios. Trata-se da passagem do princípio do prazer para o princípio de realidade, causando uma “*transformação no sistema dominante de valores*” (MARCUSE, 1955, p. 33). Os indivíduos cedem à oportunidade da atividade lúdica e da ausência de repressão em troca da restrição do prazer através da função laboral que, em tese, os garantirá segurança.

Desta forma, o eros – instinto de vida – é substituído paulatinamente pelo ego – autocontrole –, na busca dos confortos necessários para viver dentro do sistema de produção capitalista. Importante, ainda, colocar que a oposição psicanalítica ao ego é o id, que corresponde à matriz de potência psíquica fundamental. O id é “*regido pelo princípio do prazer, ou seja, procura a resposta direta e imediata a um estímulo instintivo*” (LIMA, 2010, p. 281). O eros é um dos instintos respondidos pelo id, que é inibido pelas forças de burocratização e normatização do sistema capitalista, que conduz os impulsos dos indivíduos para o ego.

O processo de substituição descrito acima é diretamente influenciado pela sensação de conforto e prestígio. Desta forma, retomo o apontamento de Mills (1951) sobre as barganhas do sistema de produção capitalista: como o valor do salário é visto como prestígio e a segurança como privilégio, ambas são propriedades fundamentais para o sentimento de classe das classes médias. Por conseguinte, a “luta contra a liberdade reproduz-se na psique do homem, como a auto-repressão do indivíduo reprimido, e a sua auto-repressão apoia, por seu turno, os senhores e suas instituições. É essa dinâmica mental que Freud desvenda como a dinâmica da civilização” (Marcuse, 1955, p. 36).

Para compreender a natureza das respostas ao controle e as características de sua emergência, é necessário tratar das falhas do sistema de controle em si. Para isso, retomamos o trabalho de Marcuse (1955;1964). Compreendemos, a partir dos trechos supracitados, de que maneira uma falta de liberdade, aparentemente democrática, faz parte do processo de manutenção do modo de produção vigente. Esta também reconstitui o mito de que as classes médias estão afastadas das classes trabalhadoras assalariadas que ocupam a base da pirâmide ocupacional e de prestígio.

O retorno do reprimido, a dialética e a resposta do controle

Apesar dos pontos já levantados, é importante demarcar que há um limite para a manutenção dos sistemas de dissimulação da segurança e do controle do mito das classes médias, e este limite se encontra na própria crise do capital e do capitalismo, com o esvaziamento da promessa mitológica de uma classe intocável, imune à luta de classes. Contra as formas de controle, a promessa e o mito decadente emergem: a ruptura em forma de coletividade. Como resposta à realização individualista, uma espécie de transgressão coletiva motivada pela necessidade de liberdade se localiza nos movimentos de juventude.

Assim como a literatura de Marcuse (1955;1964) teve impacto nos movimentos estudantis de maio de 68, na Europa, ela também iluminou outras coletividades urbanas das décadas seguintes, como é o caso dos Estados Unidos na década XX. Sob a proposta de inconformismo, havia uma ideia de não uniformidade, que compreendia diferentes maneiras de levantar-se contra o sistema de classes e a escassez de horizontes; reconhecia-se a necessidade de independência e de autogestão. Das ramificações da noção de indivíduo, entram em confronto o reconhecimento da individualidade e o sistema individualista de produção. Isto é, ainda que a conformação do indivíduo passe pelo controle das emoções e do enquadramento

inorgânico das atividades (ELIAS, 1994), dentro do processo reflexivo de reconhecer-se enquanto agente, na busca pela liberação, a juventude se entende como “indivíduo” por sua peculiaridade, mas não individualista por entender as demandas semelhantes que ecoam socialmente, numa dinâmica em que “*semelhança e diferença*” participam do “*desenvolvimento externo e interno*” (SIMMEL, 2006, p. 45).

Não obstante, este movimento de inflamação das insurgências juvenis não ocorreu de forma unilateral; ele foi alimentado por articulações que se formavam – tais como a rebelião de *Stonewall*², o *Flower Power*³ e a emergência de movimentos musicais contestatórios como o hip-hop e o punk. Dentre estas, destaco os movimentos musicais, mais precisamente o punk. Tal movimento “*articulou as frustrações da juventude [...] da classe trabalhadora, em uma era de desemprego e inflação*” (SIMONELLI, 2002, p. 121). A partir do desencanto característico do período, produziu “*a música mais estimulante, emocionante e culturalmente significativa dos anos 1970*” (SIMONELLI, 2002, p. 121).

Para compreender a potencialidade da música enquanto organizadora e vocalizadora de pautas presentes no sentimento de retorno do reprimido, faz-se necessário localizar tal tecnologia na materialidade enquanto um componente objetivo de formação social. Isso porque “*a música não é apenas um terreno estético ou moral, nem apenas uma forma de conhecimento complementar aos modos visuais*” (JOHNSON E CLOONAN, 2009, p. 4), mas também uma lente para uma análise de conjuntura.

A partir da conjuntura descrita anteriormente por Mills (1951) e a possibilidade de esgotamento das formas de controle através da segurança, é possível traçar uma conexão entre a decadência do mito das classes médias e o surgimento de movimentos musicais de juventude que resgatavam o eros como prisma. Isso porque, uma vez inseridos em uma sociedade, “*os indivíduos encontram significado vinculando texto e contexto, usando a música para significar suas autobiografias em evolução*” (ROY E DOWD, 2010, p. 189). Mesmo que esta classe, de constituintes plurais, ainda figure no imaginário e na classificação econômica, a dissolução de

² A rebelião de *Stonewall* foi uma série de protestos de integrantes da comunidade LGBTQIA+ contra a repressão e perseguição policial ao grupo, tendo como evento emblemático a resistência perante a invasão da polícia de Nova York ao bar StoneWall, em 28 de junho de 1969, local conhecido como ponto de encontro, acolhimento e lazer LGBTQIA+.

³ Palavra de ordem pela não violência que se tornou um movimento contra conflitos e guerras, mais precisamente contra a Guerra do Vietnã. Tal *slogan* fez parte da articulação que originou o movimento *hippie*.

seu mito, ou seu desencantamento, se relaciona diretamente com o processo de insurgência por meio das tecnologias culturais, como a música.

A música pode assumir caráter tanto de objeto investigativo, quanto de mecanismo de investigação. Isto se dá na forma de utilização do conteúdo musical – lírico ou sonoro – para a interpretação de pautas, comportamentos e discursos coletivos referentes ao ambiente de produção da música em questão. Acrescento que é proveitoso pensar a conjuntura também como um elemento musical, uma vez que *“como todos os instrumentos e dispositivos tecnológicos, a música precisa ser entendida em termos de suas capacidades (não-verbais) de habilitar e restringir seu(s) usuário(s)”* (DENORA, 2000, p. 7). Por conseguinte, a conjuntura pode ser uma das capacidades da música, da mesma forma que pode informar elaborações sociológicas e historiográficas.

Argumento, ainda, pela possibilidade de compreensão de comportamentos, sentimentos e sentidos coletivos a partir da descrição aprofundada da música em sua expressão comunitária. Afinal, *“também é algo pelo qual (alguém) se encontra no meio dos outros, o que é de particular interesse para os sociólogos”* (ROY E DOWD, 2010, p. 190). Isto está presente também na noção de que as sonoridades podem ser informativas e não apenas recursos para a sustentação lírica, pois são dotadas de inspiração, relações de influência e comunicações não necessariamente faladas. Assim, unindo o texto aplicado por determinados gêneros musicais, e o contexto de decadência econômica e mudança política após 1968, é possível apreender como essas duas esferas se cruzam e informam sobre a sociedade. Dessa forma, isso pode tornar a lírica e o som aparatos informativos sobre uma temporalidade, localidade ou identificação político-ideológica.

Punk: da gênese contestatória ao grito pela ruptura

Sob este prisma, destaco o punk entre os movimentos musicais que se entrecruzam ao movimento de maio de 1968. Tal nomenclatura foi atribuída *“às bandas [...] que em 76/77 começaram a fazer um tipo de som que arremessava o rock para novas direções e numa virada tão extrema que tornou nostálgica qualquer retomada”* (CAIAFA, 1985, p. 9). O punk, de maneira geral, pode ser encarado em duas frentes: primeiramente enquanto gênero musical, *“relacionado à matéria musical mais ampla elencada como rock, sendo por vezes apresentado e nomeado sob o título de punk rock”*; em segundo lugar, como *“movimento artístico plural e de matrizes culturais peculiares - que apresenta, inclusive, ramificações de caráter político, o*

punk possui sonoridades, estéticas e articulações próprias que o destacam dentre as outras correntes musicais imbricadas enquanto rock” (OLIVEIRA, 2020, p. 1-2).

No que diz respeito ao contexto político e social, trata-se de um cenário de dissolução de expectativas, permeado pelo aumento do desemprego, que afetava principalmente a juventude mais pobre e de classe média. O processo de proletarização e a perda da segurança com privilégio são notados pelos setores mais jovens da sociedade. Essa sensação de obliteração da realidade anteriormente conhecida inspira diretamente uma das palavras de ordem de emergência do movimento: *o no future* – sem futuro, em tradução literal. Isto se traduz em um sentimento coletivo de ressentimento, que no cerne do movimento ganha propriedade de revolta. Nesta transmutação de ressentimento para revolta, *“o punk avoca-se como uma movimentação contestatária nas dimensões artística, econômica e social”* (GUERRA, STRAW, 2017, p. 5). Trata-se de um movimento artístico que se pretende explosivo e disruptivo, que faz certo elogio à degradação, e se atrai pelo que é considerado avesso à norma social.

Por conta deste constructo, desde sua formação, apresenta uma classificação atrelada à “vadiagem” ou à “marginalidade”, sentidos, segundo Marcuse (1955), atrelados ao instinto de vida. Isto corrobora o argumento de Cohen (1993) de que o processo de observação dos agrupamentos sociais e a forma como estes lidam com as matérias musicais *“ilumina as maneiras como a música é usada e o importante papel que ela desempenha na vida cotidiana e na sociedade em geral”* (COHEN, 1993, p. 127). O punk, conforme Simonelli (2010) aponta, emerge desde um nexo entre *“música, classe, dinheiro e política”* (p. 124), e este nexo é justamente um ponto investigativo importante.

Dada sua natureza, o movimento punk travou o que Marcuse (1955) descreveria como uma luta empenhada e decidida pelos instintos, *“uma luta de vida ou morte em que a psique, a natureza e a civilização participam. Essa dinâmica biológica, e ao mesmo tempo sociológica [...]”* (MARCUSE, 1955, p. 41), que é capaz de retratar o esgotamento de um regime no espaço-tempo. Por conseguinte, é possível pensar no movimento em questão não apenas como representação ou ingrediente das biografias coletivas, mas também como dispositivo pelo qual discurso e prática se tornam possíveis no espaço e no tempo.

Neste fluxo, a lírica e a postura da cena punk dos Estados Unidos ilustram fortemente tal batalha, como relatos apresentados na obra *Please kill me: The uncensored oral history of punk*, de Malraux, McNeil e McCain (2006). Tal livro corresponde à organização de uma série

de entrevistas e levantamentos históricos realizados pelo trio de jornalistas citados, no qual cantores, compositores, musicistas e diversos outros artistas e integrantes do circuito punk narram suas trajetórias e descrevem acontecimentos importantes do contexto de emergência do movimento em questão. Dentre as entrevistas compiladas pelo autores, destaco as falas sobre a trajetória e obra de Lou Reed, cantor, musicista e compositor fundador da banda *The Velvet Underground*, considerado um dos precursores do movimento estadunidense. Sterling Morrison e John Cale relatam sobre Reed na obra *Please, Kill Me* (2006):

Os pais de Lou Reed odiavam o fato dele estar fazendo música e andando por aí com indesejáveis [...] Parece que ele estava na Universidade de Siracuse e teve que fazer uma escolha compulsória entre ginástica ou as Corporações de Treinamento dos Oíficias de Reserva [...] Então ele deu um soco numa janela ou coisa parecida e foi posto num hospital para doentes mentais [...] Na primeira vez que Lou Reed tocou “Heroin” pra mim, fiquei totalmente pasmo. A letra e a música eram tão obscenas e devastadoras. (MALRAUX, MCNEIL, MCCAIN, 2006, p. 19-21).

Os pais de Lou, descritos como um casal composto por uma antiga miss e um contador de posses médias, remontam às classes médias decadentes inseguras com a dissolução do mito. Lou, assim como outros integrantes do movimento punk, verbalizam à sociedade a decadência do sentimento de classe e a descrença nos aparatos de dissimulação, na existência de um mito fundante. A partir deste breve relato, pode-se perceber como “*a música é ativa na definição de situações [...]*” (DENORA, 2000, p. 11).

Outro ponto foi sua oposição constante às palavras de ordem de “não violência” e de um coletivismo momentâneo presente em agrupamentos insurgentes contemporâneos, pois promoveu “*uma resposta ao movimento hippie, declarando que este havia fracassado nas suas promessas em termos de metamorfose dos quotidianos juvenis*” (GUERRA e STRAW, 2017, p. 5). A rebelião punk não estava fixada em apenas um acontecimento histórico – ainda que uma série de estopins seja apontada pelas Ciências Sociais –, de forma que a retórica *Flower Power* contra a violência experienciada na guerra era exígua para a perspectiva punk de levante. O punk, assumindo suas múltiplas frentes de atuação, bem como as semelhanças e as diferenças do processo de reconhecimento, tem em sua emergência uma forma de contestação que foi incorporada a sua própria identidade que resiste no espaço-tempo. A gênese contestatória do movimento é interpelada pelas diferentes demandas catalizadas pelo esgotamento juvenil, o que produz “*uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e torna as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas*” (HALL, 1999, p. 87).

Como exposto por Guerra e Straw (2017), o movimento punk “*representou, nas sociedades ocidentais, um marco de ruptura e de reposicionamento face à estrutura social existente [...] assumiu-se como uma atitude insubmissa que quebrou o status quo*” (GUERRA, STRAW, 2017, p. 6). Neste contexto, a dissolução mitológica expõe uma ruptura outra, não apenas entre a antiga e a nova classe média. O movimento *punk* sintetiza a batalha entre ego e eros, entre os indivíduos que compram, e os que não compram os retalhos do mito e seus pequenos privilégios.

A obra e a filosofia punk, espelhada no trabalho de Reed, apresentou-se como um resgate do eros e sua própria subversão. Não se tratava apenas do instinto de vida, mas de uma espécie de impulso de morte fortemente conectado ao id. O id da literatura psicanalítica ganha caráter sociológico na obra de Marcuse (1955), sendo descrito como uma forma de agir isenta “*das formas e princípios que constituem o indivíduo consciente e social [...] ignora valores, bem e mal, moralidade. Não visa à autopreservação*” (MARCUSE, 1955, p. 46).

Como bem aponta Caiafa (1985), o movimento punk não poderia se importar menos com a autopreservação e as convenções sociais, porque não surgiu para salvar ninguém, muito pelo contrário. O movimento punk é uma forma de resgate instintivo em meio à insegurança e ao caos, não pela forma do desespero ou da tentativa incessante de manutenção dos privilégios, mas pela forma de vida em companhia com tais sentimentos. É visceral e cru; a filosofia do movimento punk poderia ser traduzida como a expressão coletiva e social do próprio princípio do prazer. Este princípio está fortemente atrelado aos sentimentos sociais da época de sua emergência, por isso retomo que, “*se a música é um dispositivo de ordenação social, [...] então a questão da música no espaço social é, [...] uma questão estético-política*” (DENORA, 2000, p. 129).

As tentativas de adequação social impostas a Lou Reed – e aos seus companheiros de movimento, conforme apontam relatos – remontam ao que Marcuse (1955) chamaria de “*mais-repressão*”, que não se manifesta exatamente pela violência explícita, mas pelas “*modificações dos instintos necessários à perpetuação da raça humana em civilização*” (MARCUSE, 1955, p. 50). Em contraponto, a atitude de Reed diz respeito aos princípios punks – notadamente, ruptura e contestação (GUERRA, STRAW, 2017), afinal, “*parte da sensibilidade punk é olhar para cruzar fronteiras e barreiras e escapar das restrições de categorias e rótulos normalizadores*”. (BEER, 2014, p. 21). Assim, a internação disciplinar e a tentativa de mudança de curso na carreira musical dos jovens punks são parte dos “*controles adicionais, gerados*

pelas instituições específicas de dominação” (MARCUSE, 1955, p. 52). A produção musical punk “traduz a vertigem da condição moderna em que o indivíduo é tragado pela multidão anônima das cidades, em que no jogo acelerado de construção e destruição do espaço a memória vai sendo tragada” (GALLO, 2008, p. 787).

Comentários finais – O punk e o resgate do eros

Neste trabalho busquei compreender como uma determinada conjuntura crítica afetou as transformações e as perspectivas das classes médias estadunidenses. Como recorte, procurei destrinchar a ascensão e decadência do mito – e da promessa – que as envolvia. Para tanto, observei fenômenos sociais, tais como a emergência de movimentos contestatórios culturais, na década de 1970, observando a influência das décadas anteriores nesta virada econômica, política, social e cultural. Dentre os movimentos emergentes à época, destaquei o punk. Por meio desta investigação, pude apontar os sentimentos coletivos de dissolução dos horizontes previamente conhecidos que inspiraram o movimento citado acima. Procurei também abordar como as premissas deste agrupamento inflamaram o determinado contexto e alimentaram os anseios juvenis da época.

Por meio da revisão bibliográfica e da análise de conjuntura se tornou possível investigar as correlações entre os aspectos econômicos e culturais vocalizados pela narrativa, prática e produção punk. Assim, construí uma análise sociológica orientada por aportes históricos, teóricos e empíricos. Concluo que o rompimento do horizonte ocupacional planejado pelo sistema de produção capitalista incidiu sobre as agendas juvenis de forma pungente, e o punk foi capaz de absorver tal impacto e transformar angústia e ressentimento em insurgência. Em suma, percebi uma interpelação entre mundo do trabalho e mundo da cultura que se evidenciou por meio da avaliação de texto e contexto da sonoridade e lírica punk. É possível observar como a aversão à ordem, seja pela revolução sonora proposta, seja pela ideia de espontaneidade, assume uma forma musical que é uma proposta de liberação por meio da catarse e do resgate daquilo que estava por baixo das cortinas do autocontrole. Não se trata de umnexo causal simplesmente, onde o punk gerou o desgosto pelas categorias econômicas vigentes à época de sua emergência e circulação, mas sim um conjunto complexo onde a decadência e a pouca perspectiva de futuro (*no future*) se entrecruzaram diante do sentimento de uma geração.

Não obstante, no seio desta condição de austeridade, escassez e revolta, ainda há espaço para a pirâmide da divisão social do trabalho, visto que as forças produtivas no sistema de produção capitalista se aprofundam continuamente. Ainda assim, fez-se espaço para grupos dissidentes, para os quais tal pirâmide não faz mais sentido. A busca contínua pela segurança e valorização demonstrou-se como um ciclo sem fim. Romper a busca se apresenta como o resgate dos instintos. O movimento punk subverteu as forças da mais-repressão, cuspiu em seus pilares. Tal batalha entre ego e eros segue na contemporaneidade, iluminando uma nova face da história das correlações de força entre as classes.

BIBLIOGRAFIA

- BEER, David. “Punk sociology”. Springer, 2014.
- CAIAFA, Janice. “Movimento punk na cidade - A invasão dos bandos sub”. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989.
- COHEN, Sarah. 1993. “Ethnography and Popular Music Studies”, *Popular Music* 12(2):123–38.
- DENORA, Tia. “Music in everyday life”. Cambridge University Press, 2000.
- ELIAS, Norbert. “A sociedade dos indivíduos”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- FELTRAN, Gabriel; BERTELLI, Giordano Barbin. 2017. *Vozes à Margem: periferia, estética e política*. São Paulo: Editora EdUFSCar.
- GALLO, Ivone Cecília D'Ávila. “Punk: Cultura e Arte”. *Varia hist.* [online]. 2008, vol.24, n.40, pp.747-770. ISSN 0104-8775.
- GUERRA, Paula e STRAW, Will. 2017. “I wannabeyour punk: o universo de possíveis do punk, do D.I.Y. e das culturas underground”. *Cadernos de Arte e Antropologia*, Vol. 6, No 1 | 2017: I Wanna Be Your Punk: DIY e culturas underground
- HALL, Stuart. “A identidade cultural na pós-modernidade”. 3 a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- JOHNSON, Bruce; CLOONAN, Martin. “Dark Side of the Tune: Popular Music and Violence” (Farnham, Ashgate). 2009
- LIMA, Andréa Pereira de. O modelo estrutural de Freud e o cérebro: uma proposta de integração entre a psicanálise e a neurofisiologia. *Archives of Clinical Psychiatry* (São Paulo), v. 37, n. 6, p. 280-287, 2010.
- MALRAUX, André; MCNEIL, Legs; MCCAIN, Gillian. *Please kill me: The uncensored oral history of punk*. Grove Press, 2006.
- MARCUSE, Herbert. (1955), *Eros and civilization*. Boston, Beacon Press.
- MARCUSE, Herbert. (1964), *One-Dimensional man*. Boston, Beacon Press.
- MARX, Karl. *O Capital: Crítica da economia política*. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. “A ideologia alemã: crítica da filosofia alemã mais recente na pessoa dos seus representantes”. Feuerbach, B. Bauer e Stirner, do socialismo alemão na dos seus diferentes profetas. Presença, 1976.

MILLS, C. Wright. *White Collar: The American Middle Classes*. New York, p. 324-354, 1951.

OLIVEIRA, Hellen. “Calada Noite Preta- A Noção Imaginária do Movimento Punk de acordo com a Mídia brasileira na virada dos anos 1990 e 2000”. In 44º Encontro Anual ANPOCS. 2020, São Bernardo do Campo. Anais, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), p. 1-20.

QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Ligia; OLIVEIRA, Marcia Gardênia. *Um Toque de Clássicos*. Editora UFMG, Minas Gerais, 2017.

ROY, William G.; DOWD, Timothy J. “What is sociological about music?”. *Annual Review of Sociology*, v. 36, p. 183-203, 2010.

SIMMEL, Georg. “Questões fundamentais de sociologia”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2006.

SOBRE A AUTORA

Hellen Oliveira

Bacharela em Ciência Política pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), mestra e doutoranda em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ). Membro do corpo editorial do periódico discente Cadernos de Estudos Sociais e Políticos (CESP-IESP). Membro do Observatório de Movimentos Sociais da América Latina. Pesquisadora nos grupos Núcleo de Estudos em Teoria Social e América Latina (NETSAL), CASA e *Punk Scholars Network Brasil*. Bolsista CAPES.

Recebido em agosto de 2021

Aceito para publicação em novembro de 2021

Publicado em dezembro de 2021